Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

A CULTURA DA PRÁTICA TRADICIONAL DAS MARCENARIAS DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS E SUA INFLUÊNCIA NA SEGURANÇA DO TRABALHO

https://doi.org/10.56238/arev6n3-229

Data de submissão: 18/10/2024 **Data de publicação:** 18/11/2024

Jesimiel Pinheiro Cavalcante
Doutor em Sociedade, Tecnologias Públicas UNIMA-AL
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
E-mail: jesimiel.pinheiro@souunit.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5220-5134

Walcler de Lima Mendes Junior
Doutor em Planejamento Urbano e Regional (UFRJ),
Centro Universitário Tiradentes – Unit-AL
E-mail: walclerjunior@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5227-1206

Jesana Batista Pereira
Pós-Doutorado em Estudos Interdisciplinares UFBA
Centro Universitário Tiradentes – Unit-AL
E-mail: jesana.batista@souunit.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2971-9855

Amanda Thais P. C. Cavalcante
Especialista em Enfermagem do Trabalho pelo Universidade Cândido Mendes
PMPI-AL
E-mail: amandathais1982@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-2563-2640

RESUMO
Em diversas cidades brasileiras, a fabricação de móveis de madeira é realizada em marcenarias, as quais fazem parte da cultura tradicional e popular brasileira. Nesta atividade, o uso de diversas máquinas e equipamentos são constantes e oferecem diversos riscos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos, sendo os principais agentes: ruído e vibração das máquinas, pó de Placa de fibra de média densidade (MDF) e de madeira serrada, tintas e resinas, movimentos repetitivos e lesões diretas. No Brasil, a estatística de acidentes, passa de 500.000 acidentes por ano, estes, muitas vezes têm como consequências incapacitações temporárias ou permanentes, além de consequências sociais e psicológicas. Em diversos estudos, os resultados apontam para uma alta acidentalidade nas marcenarias. A partir deste entendimento, o objetivo desta pesquisa foi de verificar a possível influência da cultura no modo de trabalho atual dos marceneiros em relação às questões de Segurança e Saúde do Trabalho (SST), com base nas entrevistas com 14 marceneiros do município de Palmeira dos Índios - Alagoas, através da aplicação de questionário semiestruturado com perguntas fechadas e abertas. Foi verificado que cerca de 71 % dos marceneiros aprenderam a prática tradicional da marcenaria com idade inferior a 18 anos, isso significa que ainda eram menores de idade. 100 % deles aprenderam por meio de marceneiros mais experientes, ou seja, não participaram de cursos profissionalizantes na área de atuação e 90 % aprenderam com marceneiros que não utilizavam regularmente os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Foi verificado que 90 % dos marceneiros

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

não utilizavam regularmente os EPIs, apesar de 100 % conhecerem os riscos e já terem sofrido algum tipo de acidente, sendo que 65 % já participaram de palestras ou treinamentos de capacitação junto ao Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) durante sua vida profissional. Nesta resistência ao uso de EPIs há uma forte tendência de ter como causa a cultura de influência do modo como eles aprenderam a profissão, visto que 80 % dos marceneiros, em suas falas, afirmaram que o não uso da proteção individual, de forma regular, se dá pelo fato de terem aprendido com pessoas que não utilizavam EPIs. Dessa forma, chega-se a um entendimento que, mesmo participando de capacitações durante sua profissão, e a consciência dos diversos riscos inerentes à SST, os marceneiros escolheram desconsiderar os riscos e não se protegerem. Esses resultados reforçam a tese de que a cultura, em específico o modo do aprendizado, influenciou diretamente na tomada de decisão dos marceneiros em não se protegerem em questões de SST, levando a uma certa banalização dos riscos a qual tem como consequências um alto índice de acidentalidade .

Palavras-chave: Cultura. Acidente de Trabalho. Marceneiro. Aprendizado. Narrativas.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

1 INTRODUÇÃO

A produção de móveis e utensílios de madeira é realizada em marcenarias, pelos marceneiros e auxiliares, profissão considerada uma das mais tradicionais da indústria de transformação (RIUL, 2011). Em profissões artesanais como é a dos marceneiros, o homem utiliza habilidades manuais e a capacidade criativa para a transformação de matérias-primas em produtos. Esta capacidade criativa não está necessariamente ligada ao grau de estudo ou de qualificação, mas, muitas vezes, vem de um processo histórico de aprendizado. Nas marcenarias, pode-se observar que, desde os trabalhos de cortes até ao acabamento das peças de madeira, são utilizados ferramentas manuais e alguns equipamentos elétricos que dão uma melhor apresentação estética as peças, linhas simétricas. O uso desses se dá devido a características como: praticidade, eficiência, velocidade (BARBOSA; BERTOLI, 2012). As marcenarias, em sua maioria, reúnem algumas características importantes, como: intenso uso de mão de obra de formação empírica não formal, realizadas em micro ou pequenas empresas administradas de forma familiar (BRAINER, 2018). Em relação a área de Engenharia de Segurança e Saúde do Trabalho (SST), alguns estudos demonstram que cerca de 88 % dos marceneiros não utilizam EPI durante toda a jornada de trabalho (SILVA; SOUZA; MINETTI, 2002). Para (SANTOS; ALMEIDA, 2015), os marceneiros trabalham expostos ao contato com máquinas perigosas que emitem ruídos e vibrações, emitem partículas da madeira no ambiente e podem causar diversas lesões. Em algumas buscas, eles constataram que entre 66 % e 78 % dos marceneiros já sofreram algum acidente ou adquiriram doença ocupacional. Conforme o estudo de (RIUL, 2011), cerca de 80 % dos marceneiros já sofreram ou já presenciaram acidentes com lesões, em que muitos ficaram incapacitados de forma temporária ou permanente para a atividade, dados compatíveis com os 88 % de acidentes em marceneiros encontrados no estudo de (SILVA; SOUZA; MINETTI, 2002). Enquanto (ROBINSON et al., 2015), em seu estudo, demonstrou que 44 % dos marceneiros apresentaram Perda Auditiva Induzida por Níveis de Pressão Sonora Elevados (PAINPSE). Vários estudos demonstram números sobre a situação da exposição laboral dos marceneiros, porém pouco se sabe sobre fatores culturais ligados a esta situação. Com base nestes resultados, algumas pesquisas recentes demonstram para a necessidade de aprofundamento sobre as causas desta acidentalidade na cadeia produtiva de móveis no Brasil, entre eles: (MATUCHEVSKI BALZAN et al., 2020; MORAES et al., 2020), (CLARA et al., 2018)(JUCÁ, 2018). Entender se a cultura dos marceneiros influencia em suas decisões quanto à Segurança e Saúde do Trabalho (SST) é fundamental para uma análise etiológica dos fatores que os levam a não preocupação com a prevenção e as consequências dos acidentes. (DIEGUES, 2019), aponta que o conhecimento tradicional é definido como o saber e o saber-fazer, a partir de conhecimentos empíricos, produzidos pelos povos e comunidades tradicionais, repassados de geração

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

em geração. Desta forma, esta pesquisa buscou entender, com base na visão dos marceneiros, introduzindo a interdisciplinaridade se a cultura dos marceneiros influencia a não utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), bem como realizar atividades com pouca ou quase nenhuma preocupação com sua saúde e segurança. A busca destes resultados se torna de grande importância para o ramo da Engenharia de Segurança e Saúde do Trabalho (SST).

2 O MARCENEIRO E A SEGURANÇA DO TRABALHO

A marcenaria é uma atividade que possui diversos desafios que podem interferir no processo produtivo, um deles é o tipo do maquinário muitas vezes antigos e sem as devidas proteções normativas que podem afetar a Segurança e Saúde do Trabalho (SST) (MONTEIRO, 2021). As marcenarias são consideradas indústrias de bem de consumo duráveis, em que a Norma Regulamentadora 4 (NR-4) que trata do Serviço Especializado em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT), com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) estabelece que atividades em marcenaria tem grau de risco 3 numa escala de 1 a 4 , demonstrando o elevado risco desta atividade. Conforme Santos e Almeida (2015), o trabalho em marcenarias expõe os trabalhadores a riscos químicos e biológicos devido às partículas de madeira geradas pelo lixamento e corte das peças, também devido à utilização de solventes, tintas, vernizes e colas, nestes locais de trabalho a falta de ventilação natural potencializa o risco à saúde destes trabalhadores. Nas atividades realizadas no dia a dia em marcenarias, é necessário o uso de máquinas e ferramentas para a confecção dos móveis e peças, estas podem gerar diversos riscos de acidentes e doenças para o trabalhador, desde acidentes típicos como cortes, lesões diversas, inalação de poeiras de origem vegetal e o ruído (COSTA; OLIVEIRA; MARIANO, 2018). Segundo (DUARTE, 2002), o acidente é um evento indesejável, fortuito, que causa danos efetivos à integridade física e/ou mental das pessoas. De acordo com o Ministério da Previdência Social (MPS), a doença profissional ou do trabalho é caracterizada como acidente de trabalho (BRASIL, 1991). Para Santos e (SANTOS; ALMEIDA, 2015), entre 66 % e 78 % dos marceneiros já sofreram algum acidente ou doença ocupacional. De um modo geral, dentre os riscos ocupacionais que podem causar desconforto ambiental, estão aqueles decorrentes das condições precárias de um ambiente de trabalho, ou de um processo operacional em diversas atividades profissionais, um dos principais riscos ambientais em marcenarias é o ruído (VASCONCELOS et al., 2015). Como o uso de ferramentas e equipamentos é constante na marcenaria, para a confecção dos móveis e esquadrias, acabam gerando diversos riscos de acidentes e doenças para o trabalhador, desde acidentes típicos como cortes, lesões diversas, como também inalação de poeiras de origem vegetal e o ruído (COSTA; OLIVEIRA; MARIANO, 2018). A oficina do marceneiro é a sua segunda casa,

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

onde ele passa a maior parte de seu tempo, cerca de um terço do dia, neste ambiente ele realiza a execução de sua arte, em que a arrumação muda de acordo com as características do seu dono e da cultura na qual está introduzido(ESCHER, 2018). O ambiente laboral carrega consigo os conhecimentos e práticas da vivência dos marceneiros, seja na disposição das máquinas, seja nas ferramentas utilizadas. O layout de cada marcenaria com a distribuição das máquinas e espaço de circulação é muito peculiar a cada marceneiro. Além das máquinas, existe a necessidade de espaços para guarda de ferramentas, bem como para produtos tipo: vernizes, parafusos e chapas de madeira etc. As marcenarias pesquisadas são, em sua maioria, caracterizadas pela falta de um planejamento de uso de espaços, onde ferramentas e maquinários ficam misturados com chapas de madeiras e resíduos, como também os ambientes são em sua maioria impregnados de pó de madeira. As oficinas espalhadas pelo Brasil que desenvolvem atividades tradicionais, em grande parte, configuram-se como micro ou pequenas empresas e, em geral, são compostas por familiares, na qual é perceptível a ausência de organização de layout, bem como uma falta de gestão dos resíduos gerados nos processos produtivos (SCHUSTER, 2013). Os riscos são potencializados segundo (SILVA, 2019), quando as pessoas não demonstram preocupação com os riscos de acidentes gerados no ambiente de trabalho. Muitos acreditam que os acidentes são fatalidades e que só acontecem com os outros, que o tema segurança é uma questão de sorte, que os acidentes irão acontecer com quem não tem experiência. Para (POSTIGO et al., 2021), a identificação de riscos e perigos e as medidas necessárias de controle destes riscos devem levar em consideração fatores como:" o comportamento humano, capacidades e outros fatores humanos". Esses que podem explicar o que leva o trabalhador, dentre eles os marceneiros, a ver a segurança de forma, às vezes desprezíveis. Consideradas também como acidentes de trabalho, as doenças ocupacionais são consequências de uma exposição indevida aos riscos ocupacionais. Algumas doenças denominadas de origem ocupacional no Brasil são: Perda Auditiva Induzida por Níveis de Pressão Sonora Elevados(PAINPSE), Neoplasias malignas, Polineuropatias, Queratite e Queratoconjuntivite, Doenças do Sistema Respiratório, Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho, Doenças Infecciosas e Parasitárias Relacionadas ao Trabalho (DIAS, 2001). Os riscos não controlados levam a acidentes de trabalho e doenças que deixam marcas em suas vítimas. Em alguns casos são difíceis de serem resolvidas ou solucionadas, acarretando possíveis complicações físicas, psicológicas, sociais e legais (ROSSI, 2011).

3 A CULTURA TRADICIONAL DA MARCENARIA E AS DESIGUALDADES

As marcenarias do município de Palmeira dos Índios são caracterizadas, em sua maioria pela administração familiar, como microempresas e poucos funcionários. Para (JUNIOR; ALMEIDA,

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

2014), as marcenarias se caracterizam por possuir mão de obra de formação iminentemente prática sem qualificação por cursos, não têm uma divisão adequada das tarefas na produção e com um baixo nível no controle da qualidade. A marcenaria é considerada uma arte de conhecimento tradicional da cultura brasileira, que segundo (DIEGUES, 2019), conhecimento tradicional é definido como o saber e o saber- fazer, a partir de conhecimentos empíricos, produzidos pelos povos e comunidades tradicionais, repassados de geração em geração. Os marceneiros além de fabricarem móveis de madeira projetados por profissionais de arquitetura, muitos se dedicam a exercer a arte e a criatividade criando peças decorativas de madeira, bem como móveis para clientes que não têm um projeto. A cultura popular é ligada a camadas menos favorecidas economicamente, camponesa, artesã e operariado, são camadas da população que, em sua maioria, não tiveram acesso a estudo (SILVA, 2018) . Para (FERREIRA et al., 2020), um fator importante na cultura tradicional é o conhecimento empírico que utiliza recursos naturais como modo de trabalho, adquirido através das experiências vividas e produzem o saber tradicional de um grupo social ou laboral. Por se tratar de uma atividade da cultura tradicional brasileira, em que a maioria dos trabalhadores aprende da forma empírica através de familiares ou conhecidos, essa cultura tende a continuar, em que os novos marceneiros prosseguem a realizar sua arte sem a devida proteção e organização do ambiente de trabalho, em alguns casos caracterizando um trabalho precário. A Figura 1 apresenta uma máquina em condições inadequadas que leva a uma desigualdade no tratamento das condições laborais caracterizada por uma exploração da mão de obra interferindo em individualidades sociais, tem a precarização do trabalho como resultado.

Figura 1 – Precariedade na marcenaria / máquina sem proteção



Fonte: Autor (2021)

Para (MOTA, 2013), a precariedade no trabalho é uma condição sociocultural que caracteriza o trabalho vivo e a força de trabalho como mercadoria. A precarização do trabalho leva à perda de

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

direitos humanos básicos. O Art. 230 da Declaração Universal dos Direitos Humanos deixa claro que: “Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, às condições equitativas e satisfatórias de trabalho". Devido às relações de trabalho que focam na produção, nas pequenas atividades tradicionais, a necessidade de ganho para sobrevivência faz que o foco seja em produzir para ter um retorno em detrimento de questões de formalidades legais que garantem benefícios. Para (COSTA; OLIVEIRA; MIRANDA, 2010), os achados sobre informalidade caracterizam um problema estrutural básico na sociedade brasileira, na qual as atividades tradicionais consideradas domésticas ou familiares como a dos marceneiros normalmente têm precário nível tecnológico e a ausência de coberturas legais previdenciárias e trabalhistas. Para (TAKAHASHI et al., 2012), o mercado informal é característico na economia brasileira, no qual além da baixa remuneração, os trabalhadores são privados dos benefícios da Ministério da Previdência Social (MPS), sem garantia de suporte financeiro em casos de doenças e acidentes e sem aposentadoria remunerada. O trabalho informal leva a incertezas, ausência de controle do trabalho tanto na dimensão individual quanto coletiva; péssimas condições laborais, sem direitos trabalhistas e benefícios previdenciários, alta discriminação, rotatividade elevada, exploração e segregação e finalmente salários baixos, pouca possibilidade de ascensão funcional. Uma das características da precarização do trabalho pelas desigualdades impostas é a ausência de vínculo trabalhista, fato ligado às perdas de direitos trabalhistas e previdenciários (GIONGO; MONTEIRO; SOBROSA, 2017).

4 A PROBLEMÁTICA DA PRECARIZAÇÃO, O ACESSO À INFORMAÇÃO E OS ÓRGÃOS PÚBLICOS

A ação de órgãos públicos através de políticas de SST, podem levar informações e ações importantes sobre riscos de exposição, formas de prevenir, adequação ás NRs. No Brasil alguns órgãos públicos são essenciais nas questões de SST, são eles:

- MTE - Ministério do Trabalho e Emprego; Disciplina as relações de trabalho no quesito de segurança e saúde do trabalho, sendo responsável também pela fiscalização das condições de trabalho;
- MPS- Ministério da Previdência Social; Tem a função de assegurar aos seus beneficiários meios indispensáveis de manutenção, por motivo de incapacidade, desemprego involuntário, idade avançada, tempo de serviço, encargos familiares e prisão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente;

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

- CEREST - Centro de Referência em Saúde do Trabalhador; Dar subsídio técnico para o SUS, nas ações de prevenção, promoção, diagnóstico, tratamento, reabilitação e vigilância em saúde dos trabalhadores urbanos e rurais;
- JT- Justiça do Trabalho; responsável pela mediação para reparação de danos decorrentes das relações de trabalho;
- MS- Ministério da Saúde; Gerência o Sistema Nacional de Notificação de Agravos as doenças do trabalho.

Um dos mecanismos de diminuir a desigualdade no trabalho e a precarização é a prevenção através de fiscalizações e orientações de órgãos públicos relacionados a SST. No Brasil, a legislação referente à SST é elaborada e fiscalizada pelo MTE através da CGSST e da SRTb/AL, com as funções entre outras de: planejar, supervisionar, orientar, coordenar e controlar a execução das atividades de inspeção do trabalho na área de segurança e saúde, através da fiscalização dos ambientes e das condições de trabalho e existem em alguns municípios o CEREST que devem desenvolver ações que incluem a estruturação de protocolos, de linhas de cuidado, a capacitação de profissionais da rede, o registro, análise e disseminação de informação e outros instrumentos que favoreçam a integralidade de ações de saúde do trabalhador e o controle social. Quanto menos informado é um setor, mais desigual é o tratamento nas questões legais de Segurança e Saúde do Trabalho (SST) e pode ter como consequência a precarização do trabalho. O pouco conhecimento sobre as principais Normas Regulamentadoras (NRs) publicadas pelo MTE e suas aplicações na vida laboral, deixa os trabalhadores vulneráveis a quaisquer tratamentos e exposição aos riscos, sem ao menos saberem seus direitos. Essa condição pode levar a uma condição de trabalho precário, podendo ter como consequência acidentes ou doenças. A informação tem uma função importante no cotidiano humano, faz parte do leque de direitos que constituem os direitos humanos, reconhecido internacionalmente pela Declaração Universal de 1984. O recebimento e a transmissão da notícia/informação são de extrema importância, principalmente para os mais vulneráveis (PESSOA, 2020). Segundo (SADEK, 2010), a falta de um processo eficiente de informação pode comprometer condições basilares que sustentam a democracia, sendo uma das causas do desconhecimento do sistema judicial por parte dos trabalhadores brasileiros, incluindo os trabalhadores de marcenaria. É comum que estes desconheçam não apenas o funcionamento, como também os papéis e as funções de cada um dos agentes da justiça. A promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes, é evidenciado no Art. 20 da Lei 11652, de 7 de abril de 2008 (BRASIL, 2008), bem como a necessidade de produção de conteúdo com finalidades educativas, culturais, sociais e informativas reduzindo a desinformação e a distância entre os mais vulneráveis e seus direitos.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

5 MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa teve como metodologia uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, explicativo, por meio da observação do pesquisador e realização de 14 entrevistas com marceneiros, excluídos os ajudantes de marcenaria que trabalham em 12 das 17 pequenas marcenarias no município de Palmeira dos Índios-Alagoas. A fase da pesquisa bibliográfica se deu a partir de matérias que tratassem de SST em marcenarias, bem como temas ligados a atividades tradicionais. Foram realizadas buscas, leituras, diagnósticos e interpretações de referenciais ligados à temática e disponíveis em revistas especializadas, sítios eletrônicos, jornais, teses e dissertações para compor a fundamentação teórica. A fase exploratória se deu a partir de visitas iniciais às marcenarias, para interações pessoais e para se familiarizar com os fatos e fenômenos relacionados ao modo de trabalho nas marcenarias e, por conseguinte buscar subsídios para verificar a relação existente entre o modelo atual de trabalho e sua ligação com histórico do aprendizado. A pesquisa de campo foi feita em entrevistas com os marceneiros para coletar dados que pudessem responder aos problemas relacionados à SST, neste grupo laboral, com o objetivo de compreender os aspectos da realidade vivenciada nas marcenarias, recorrendo às outras áreas das ciências, além da engenharia de segurança do trabalho. A fase de pesquisa de campo foi feita em entrevistas com os marceneiros para coletar dados que pudessem responder aos problemas relacionados à SST, neste grupo laboral, com o objetivo de compreender os aspectos da realidade vivenciada nas marcenarias, recorrendo às outras áreas das ciências, além da engenharia de segurança do trabalho. O município tem 17 marcenarias que fabricam móveis, o que representa cerca de 35 % do total de marcenarias cadastradas no Arranjo Produtivo Local (APL) do agreste Alagoano segundo dados da (SEPLAND, 2019). Foram desconsideradas deste estudo as marcenarias que trabalham com esquadrias de madeira, pois as máquinas e o método de trabalho divergem das fábricas de móveis. A partir das visitas iniciais, foram explicados os objetos do estudo no qual 12 dos 17 proprietários concordaram em participar. O total de marceneiros que trabalham nestas marcenarias no período da pesquisa era de 19, sendo que 14 aceitaram participar das entrevistas, o que representa 73 % da amostra.

Os critérios de inclusão foram: profissionais em marcenaria com idade a partir de 18 anos e que trabalham em fabricação de móveis e peças decorativas de madeira no município de Palmeira dos Índios-Alagoas. Foram excluídos os ajudantes de marcenarias, que não estão expostos aos mesmos riscos que os marceneiros, pois não operacionalizam máquinas, além da alta rotatividade. O mecanismo de coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionário individual semiestruturado parte em perguntas fechadas e parte abertas (gravadas). As perguntas fechadas foram elaboradas com base na leitura da literatura sobre a profissão do marceneiro e as questões ligadas à Segurança e Saúde

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

do Trabalho (SST) com a intenção de ter uma visão geral. O projeto foi norteado eticamente pelos dispositivos da Resolução 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde com o devido Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) individual para realização das entrevistas.

O mecanismo de coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionário individual semiestruturado parte em perguntas fechadas e parte abertas. As perguntas fechadas foram elaboradas com base na leitura da literatura sobre a profissão do marceneiro e as questões ligadas à Segurança e Saúde do Trabalho (SST) com a intenção de ter uma visão geral. Após um fichamento, o questionário fechado (Apêndice A) foi proposto com 7 perguntas detalhado a seguir:

(1) você sente algum sintoma auditivo? Caso sim, você utiliza assiduamente o protetor auricular?

(2) você utiliza regularmente os Equipamentos de Proteção Individual necessários à marcenaria?

(3) conhece as doenças consideradas do trabalho relacionadas à profissão de marceneiro?

(4) conhece onde recorrer por seus direitos em casos de um acidente de trabalho?

(5) Conhece das vantagens legais de contribuir com a previdência Social?

(6) conhece qual a atuação da justiça do trabalho?

(7) já recebeu alguma visita ou orientação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) ou do Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST)? O questionário aberto foi realizado individualmente por meio de entrevistas projetivas com a utilização de recursos audiovisuais com identificação dos entrevistados. Após as conversas iniciais junto aos marceneiros, 3 temas bases foram destacados:

- A forte ligação cultural e emocional entre o marceneiro e quem o ensinou foi comentada por 90 % dos marceneiros;
- os diversos riscos e perigos da profissão e a proteção do corpo foram comentados por 100 % dos marceneiros;
- Acidentes e mutilações foram comentados por 100 % dos marceneiros;

Com base nos temas bases, foi elaborado um roteiro com perguntas abertas composto por 5 perguntas bases para direcionar as entrevistas: 1- Como se deu o aprendizado da prática tradicional da marcenaria, qual idade aprendeu a profissão, com quem aprendeu, tem familiares na profissão? 2- Como você os riscos da profissão de marceneiro, principalmente devido ao uso constante de máquinas e equipamentos? 3- Como você ver a questão dos acidentes e doenças de trabalho em marcenarias? Já teve algum incidente/acidente ou adoecimento referente ao trabalho? 4- Qual a sua visão sobre a utilização de Equipamentos de Proteção Individual e coletiva? Quem lhe ensinou utilizava

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

frequentemente os EPIs? 5- Qual a sua satisfação nesta profissão? Deseja que seus filhos continuem na arte da marcenaria?

Como os pequenos marceneiros fazem parte de um grupo social específico, para compreender a realidade como eles organizavam e definiam suas atividades laborais, suas práticas diárias, seu comportamento em relação à proteção coletiva e individual no trabalho foi utilizada a metodologia de entrevista proposta por (BAUER; GASKELL, 2002), que propõe dar voz aos entrevistados, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento foi observado para análise. As entrevistas tiveram duração entre 30 a 50 minutos e foram realizadas em locais escolhidos pelos próprias marceneiros em horário definidos por eles sem interferir nas atividades laborais e de acordo prévio da disponibilidade de dia e horário. O período das entrevistas fechadas foi de Novembro a Dezembro de 2021 e as entrevistas projetivas foi de Março a Junho de 2022 A princípio a receptividade nas marcenarias em sua maioria foi de forma muito tranquila, porém alguns cerca de 30 %, ficaram um pouco apreensivos, embora curiosos, pois tudo aquilo não lhes era familiar, Porém, com o desenrolar das conversas, mostrando a eles o objetivo da pesquisa, houve uma boa aceitação principalmente quando falou-se da questão da ligação histórica familiar. Durante as entrevistas surgiram algumas interferências como: interrupção por clientes ou familiares, bem como mudanças de assunto que logo foram ajustadas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto as perguntas fechadas, os resultados serão demonstrados em sequência: A primeira pergunta teve como objetivo saber se os profissionais utilizavam em suas atividades para reconhecimento dos riscos outras áreas das ciências além do conhecimento tecnicista das Normas Regulamentadoras (NRs). O resultado demonstrou que aproximadamente 65 % dos profissionais utilizavam apenas as NRs e os conhecimentos técnicos e acadêmicos em suas intervenções sobre os riscos no ambiente de trabalho, não buscando conceitos de outras áreas para melhorar o processo de intervenção a partir de um olhar mais abrangente.

Numa segunda pergunta aos profissionais de segurança do trabalho, buscou-se o entendi- mento sobre o conhecimento dos fundamentos da interdisciplinaridade, o resultado demonstrou que 54 % dos profissionais não conheciam os fundamentos da interdisciplinaridade para sua área de formação. Segundo o entendimento de (GOUVEIA, 2017), a engenharia e suas áreas afins focam suas ações apenas na resolução do problema com aplicação de princípios normativos e técnicos, necessitando urgente de estudos que levem ao envolvimento de outras áreas para melhorar a solução das medidas de SST.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

A terceira pergunta feita aos profissionais de segurança do trabalho foi quanto à busca pela interdisciplinaridade em outras ciências, na qual o resultado foi que 57 % não buscavam este entendimento em outras áreas. Para buscar esta interação entre o tecnicismo e os saberes tradicionais a partir da visão dos marceneiros, é necessário a introdução do conceito de interdisciplinaridade. De acordo com (THIESEN, 2008), introduzir a interdisciplinaridade na construção do saber faz com que o materialismo histórico seja levado em consideração, permitindo que se analise melhor a relação entre as partes e o todo. A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma multiplicidade de sentidos em direção a um único objetivo, indo em oposição à fragmentação dos saberes (CARNEIRO et al., 2018).

A quarta pergunta realizada no questionário teve como objetivo saber se a visão dos trabalhadores é levada em consideração nas atividades de proposituras de medidas proativas nos ambientes de trabalho. O resultado demonstrou que aproximadamente 45 % dos profissionais de segurança não levavam em consideração a visão dos trabalhadores. Para (SENNETT, 2015), o respeito a fala, ao individualismo do outro, não coagir, não cercear, deixando de lado seus desejos e passando a valorizar o que o outro fala, é parte de uma habilidade que devemos ter como pesquisador.

A pergunta 5 do questionário fechado sobre o conhecimento das vantagens legais de contribuir com o MPS apresentou como resultado que 60 % dos marceneiros não conheciam tais vantagens e trabalham de modo informal, já a pergunta 6 sobre o nível de conhecimento que os pequenos marceneiros objetos do estudo tinham sobre a atuação da Justiça do Trabalho, 65 % responderam que conheciam as funções. Isso significa que eles não sabiam que, em caso de afastamento por doença ou acidente de trabalho, teriam os benefícios legais para ele e para seus dependentes, porém sabem que existe um órgão judicial que trata destas questões. A não contribuição à previdência social vai além do dano pessoal físico e psicológico devido ao acidente ou doença do trabalho, carrega também um dano social ao deixar a família sem o sustento financeiro devido. Entre as consequências da informalidade no trabalho, a ausência de direitos previdenciários e trabalhistas, na qual o trabalhador não garante uma estabilidade financeira no caso de um afastamento, alarga as dimensões precárias vivenciadas pelas trabalhadoras(NOGUEIRA; CARVALHO, 2021) .

Os resultados da pergunta 7 quanto à ação dos órgãos públicos MTE e CEREST junto aos marceneiros obteve a seguinte situação: Das 12 marcenarias objetos da pesquisa, 11 nunca receberam algum tipo de visita ou comunicação do MTE e as 12 nunca tiverem nenhum contato ou comunicação do CEREST. Um dos mecanismos de diminuir a desigualdade no trabalho e a precarização é a prevenção através de fiscalizações e orientações de órgãos públicos relacionados a SST. No Brasil, a legislação referente à SST é elaborada e fiscalizada pelo MTE através da CGSST e da SRTb/AL, com

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

as funções entre outras de: planejar, supervisionar, orientar, coordenar e controlar a execução das atividades de inspeção do trabalho na área de segurança e saúde, através da fiscalização dos ambientes e das condições de trabalho e existem em alguns municípios o CEREST que devem desenvolver ações que incluem a estruturação de protocolos, de linhas de cuidado, a capacitação de profissionais da rede, o registro, análise e disseminação de informação e outros instrumentos que favoreçam a integralidade de ações de saúde do trabalhador e o controle social. Quanto menos informado é um setor, mais desigual é o tratamento nas questões legais de Segurança e Saúde do Trabalho (SST) e pode ter como consequência a precarização do trabalho.

Quanto as entrevistas gravadas por vídeo, em que foram feitas perguntas acerca da vivência dos marceneiros, do modo de aprendizagem e da relação com a segurança do trabalho, os resultados estão apresentados na sequência. As 14 entrevistas foram realizadas nas próprias oficinas em dias de jornada de trabalho com horário escolhido pelos marceneiros. Após visitas e conversas diversas com os marceneiros fomos copilando aquilo que mais eles falavam e chegamos no seguinte agrupamento de eixos temáticos para a entrevista.

- Como se deu o modo do aprendizado da prática tradicional foi comentado por 90 % dos marceneiros;
- Reconhecimento dos riscos da profissão de marceneiro e o uso de EPIs foi comentado por 100 % dos marceneiros;
- Acidentes na marcenaria foi comentado por 100 % dos marceneiros.

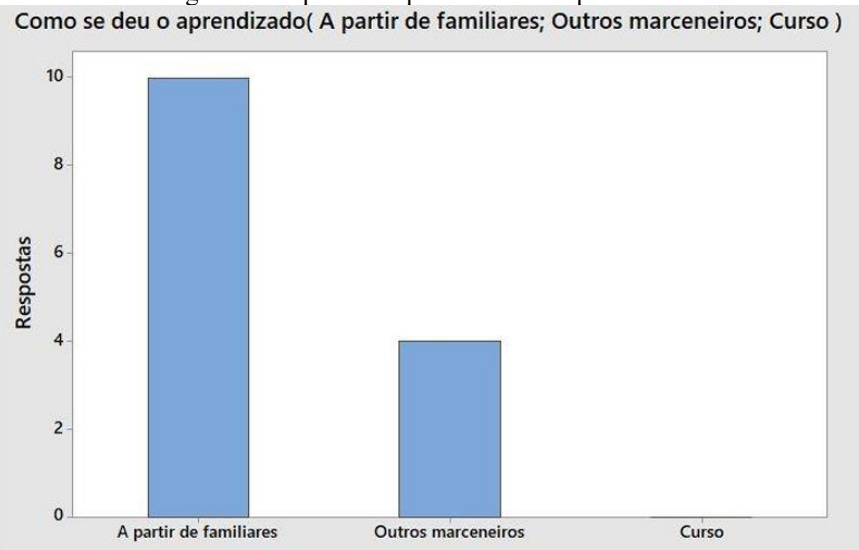
7 COMO SE DEU O MODO DO APRENDIZADO DA PRÁTICA TRADICIONAL DA MAR CENARIA

Quanto ao aprendizado foram verificadas as faixas de idade que os marceneiros iniciaram no aprendizado da marcenaria, cerca de 57 % aprenderam a arte da marcenaria com menos de 15 anos e 14 % aprenderam com idade ente 15 e 18 anos. Os resultados demonstraram, portanto, que aproximadamente 71 % dos marceneiros participantes do estudo aprenderam com idade inferior a 18 anos, idade que no Brasil é considerada de menor.

A (Figura 2), apresenta o gráfico com o resultado de como se deu o aprendizado. Aproximadamente 70 % dos marceneiros informaram que a aquisição do conhecimento se deu a partir de familiares e o restante a partir de outros marceneiros. Nenhum aprendeu a partir de um curso profissionalizante.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

Figura 2 – A partir de quem se deu o Aprendizado



Fonte: Autor (2022)

De acordo com Dias (2021), a forma da aprendizagem é um valor importante na decisão de continuidade na profissão, em que valores como família e tradição impactam nessa decisão. Apesar da disponibilidade de cursos profissionalizantes, todos os marceneiros buscaram nas experiências reais do dia a dia de uma marcenaria aprender a profissão, sendo que alguns por não terem familiares, aprenderam com conhecidos que tinham marcenarias. A fala do marceneiro Lucas demonstra essa forte ligação familiar na arte da marcenaria onde ele diz:

"Aprendi tinha 15 anos observando meu pai trabalhar, tenho 50 anos como marceneiro, "eu nasci dentro de uma marcenaria"! Tenho irmãos e sobrinhos marceneiros. Eu amo a marcenaria é muito gratificante".

Após exploração dos recortes das narrativas, as principais falas recorrentes nas narrativas sobre como se deu modo do aprendizado das marcenarias foram:

- "A procura pelo aprendizado: Nas falas, percebe-se que a maioria aprendeu a marcenaria em busca de uma ocupação, de uma renda, alguns foram colocados pelos pais para trabalharem e ajudar na renda familiar e a etapa da vida como criança e adolescente foi tomada por obrigações de trabalho para ter uma renda e ajudar na manutenção familiar. Alguns interromperam os estudos na infância. Falas como *"meu pai deixava ir para a escola um horário e o outro tínhamos que ajudar no trabalho", "naquela época não tinha isso de criança não trabalhar! Tinha que ajudar "e 'desde os 10 anos trabalho'*, demonstram o confronto entre ser criança e aproveitar os estudos e a infância e ter a obrigação de trabalhar para ajudar na renda familiar.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

• A ligação Familiar: Apesar da maioria ir buscar a profissão por uma necessidade de renda, a escolha foi aprender na base de sustento familiar que era a marcenaria. A facilidade de acesso pode ser vista como uma das causas, bem como o orgulho de seguir a arte que o pai desenvolvia. Em muitas falas eles citam que é uma herança familiar e através da observação e curiosidade nas atividades desenvolvidas pelos pais, avós, irmãos mais velhos foram aprendendo, porém alguns sentem por seus filhos não terem interesse em continuar a atividade familiar; chamam a atenção as falas *"Eu nasci dentro de uma marcenaria! Tenho irmãos e sobrinhos marceneiro", "Minha família vem na arte da marcenaria deste o meu bisavô e hoje estou passando para meu filho" e "Tudo que construí, os estudos de meus filhos, tudo saiu da marcenaria"*, nas quais a relação de familiaridade e trabalho é evidenciada, bem como um certo orgulho do prosseguimento da atividade familiar. A decepção pôr o filho não continuar na atividade da marcenaria também foi evidenciada em algumas falas como: "Tentei ensinar a meu filho, mas ele não se dá bem com a poeira", "tenho dois netos que não pisam aqui, o pessoal mais novo não quer aprender pois é um trabalho pesado".

• Falta de apoio público: A ausência de apoio público em questões de financiamento, orientação, capacitação é demonstrado como um problema pelos marceneiros. Segundo as falas as instalações sem condições de salubridade podem ser melhoradas com incentivos públicos, bem como a aquisição de máquinas que emitam menos ruído, menos pó podem ser adquiridas; Algumas falas chamam a atenção *"Não temos apoio público nenhum, poderíamos receber apoio financeiro para crescer a marcenaria e empregar outras pessoas"*, *"Por falta apoio público estarei indo esta semana para São Paulo a procura de um ganho melhor, pois minha marcenaria necessita de melhoria agora não* tenho condições" demonstram a decepção dos marceneiros que com apoio público poderiam não só melhorar as condições de trabalho e de estrutura dos ambientes, mas também empregar mais pessoas.

Quanto ao modo de trabalho, podem-se tirar algumas confirmações que vão ao encontro do objetivo da pesquisa, Cerca de 70 % aprenderam com familiares e 30 % com outros marceneiros, nenhum deles participou de um curso profissionalizante para iniciar sua profissão. Dessa forma não obtiveram capacitação inicial para a segurança do trabalho, sendo a observação e curiosidade a principal forma de adquirir o conhecimento inicial do modo de trabalho. Capítulo 4. As narrativas dos marceneiros 102 O aprendizado se deu para 71 % ainda em idade considerada de menor abaixo de 18 anos, fato que levou a maioria a não prosseguirem nos estudos. Esta ligação familiar demonstra que

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

por um lado eles tiveram uma profissão a seguir que é um fato positivo, porém a maioria além de não prosseguir em estudos, não obteve capacitação para modelos de organização e segurança no trabalho. Um dado importante extraído nas narrativas foi que o SEBRAE que é uma entidade privada brasileira de serviço social, sem fins lucrativos é quem teve uma maior interação com parte dos marceneiros, na qual 65 % informaram que participaram de eventos com a entidade. A questão da falta de apoio público citada nas narrativas é coerente com o resultado verificado na subseção 3.2.2 na qual órgãos básicos e específicos que tratam com questões de Segurança e Saúde do Trabalho (SST) têm baixíssima interação com as pequenas marcenarias. 11 das pequenas marcenarias nunca receberam algum tipo de visita ou comunicação do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e as 12 nunca tiverem nenhum contato ou comunicação do Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST). Porém, tiveram interação com o SEBRAE que é uma entidade privada brasileira de serviço social na realização de cursos.

8 RECONHECIMENTO DOS RISCOS DA PROFISSÃO DE MARCENEIRO E O USO DE EQUIPAMENTO DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPI)

Um dado muito expressivo foi que cerca de 90 % dos marceneiros informaram que as pessoas que os ensinaram não utilizavam os EPIs regularmente, dado compatível com os 90 % que não utilizam a proteção regularmente. Vale destacar algumas falas que informaram às vezes utilizar proteção, isso significa uso esporádico ou parcial que não tem efetividade. Um total de 80 % dos marceneiros dado demonstrado no gráfico da (Figura 36), informaram que a não utilização dos EPIs se dava devido ao modo que aprenderam, demonstrando uma forte ligação entre o modo de trabalho de quem ensinou e do aprendiz. Aproximadamente 7 % não utilizam os EPIs por falta de costume, 7 % por autoconfiança e cerca de 6 % por incômodo. A verificação da percepção dos riscos dos marceneiros foi importante para comparar com o motivo do não uso de EPIs.

Fazendo um comparativo entre as narrativas dos marceneiros, o gráfico demonstrado na (Figura 3) apresenta que aproximadamente 90 % não utilizavam regularmente os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), mesmo percentual de marceneiros que aprenderam com profissionais que também não utilizavam regularmente, enquanto que 80 % citaram que não utilizavam os EPIs devido ao modo como aprenderam.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

Figura 3 – Não uso de EPI devido ao modo do aprendizado



Fonte: Autor (2022)

A fala do marceneiro Atelmo resume a situação da exposição aos riscos, na qual ele citou ter um peso na consciência por não utilizar os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e enfatiza a preocupação após tantos anos de exposição indevida aos riscos ocupacionais. "Aprendi assim! Fiz um curso pelo SEBRAE, mas não coloquei em prática, a gente trabalha com maquinário que pode nos ferir, mas a gente vai se acostumando, a gente aprendeu assim. Eu tenho um peso na consciência devido a não utilizar o respirador e ficar exposto ao pó que é perigoso para a saúde".

Após exploração dos recortes das narrativas, as principais falas recorrentes nas narrativas sobre Reconhecimento dos Riscos da profissão de marceneiro e o uso de Equipamento de Proteção Individual (EPI) foram:

• Riscos em máquinas e equipamentos:

A evolução das máquinas trouxe também um maior risco de acidentes, nas falas *"As máquinas são mais rápidas e perigosas, meu pai trabalhava tudo na mão, mais lento, menos arriscado", e "A gente trabalha com maquinário que pode nos ferir"*, demonstram que eles são cientes dos riscos. A percepção do risco no uso de máquinas é demonstrada na fala *"nosso serviço é muito perigoso, com este maquinário precisamos de atenção, um descuido você se acidenta ligeiro"*, onde o marceneiro sabe que um descuido e o acidente pode ocorrer. Além dos acidentes, as doenças do trabalho que podem ocorrer são evidenciadas nas falas *"Minha preocupação maior é com o ouvido por causa do ruído e com a poeira por causa da respiração."*,

• O não uso dos EPIs:

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

O EPI é sem dúvida um dos principais métodos preventivos quanto aos riscos de acidentes e de doenças do trabalho, principalmente numa atividade como a marcenaria que utiliza diversas máquinas e equipamentos elétricos e manuais. Fica evidente nas falas dos marceneiros, a resistência em utilizar a proteção apesar de saber dos riscos aos quais estavam expostos e a despreocupação com o corpo eram constatadas nas falas. Uma das respostas dadas nas falas aponta para a forma do aprendizado, em que a maneira como o marceneiro que ensinou lidava com questões de proteção, o aprendiz trouxe para sua vida profissional e sente bem trabalhando dessa forma.

Falas que demonstram uma certa despreocupação com a vida como "Nós somos teimosos, minha máscara fica pendurada, não uso! Meu pai não utiliza EPIs", "eu aprendi assim e não uso também e nunca usei, acho que nunca vi meu pai usando qualquer proteção, aprendi assim", "A gente nunca chegou a firmar neste negócio de proteção não, meu pai e meu avô não usavam e a gente não usa também os EPIs". Demonstram também a ligação entre o modo de quem ensinou e o modo de trabalho de quem aprendeu que leva para uma certa autoconfiança. Uma fala muito forte em relação a consciência da importância do uso da proteção "Num acidente que tive quando quebrei um dente, o protetor facial teria me protegido", porém essa consciência não é transformada em prática.

• O material MDF:

Falas que chamam a atenção sobre o MDF demonstram que os marceneiros entendiam dos riscos de uso deste material: *"Este MDF é triste, um pó terrível por causa da cola "*, "O MDF é muito químico, sei que podemos adquirir algum problema, *"esse pó de MDF é um "veneno", faz até o cabelo cair ".*

9 ACIDENTES DE TRABALHO EM MARCENARIAS

O acidente de trabalho é o último estágio de uma série de eventos inconformes quanto à proteção do corpo e da saúde do trabalhador, onde pode levar a danos irreversíveis. O marceneiro Edvânio sofreu um acidente que até hoje tem marcas. "Quebrei um dente numa máquina de tornear, mas não parei de trabalhar! Até hoje tenho uma prótese. Outra vez um pedaço de madeira atingiu meu queixo".

Após exploração dos recortes das narrativas, as principais falas delas recorrentes sobre Acidentes de trabalho em Marcenarias foram:

- Banalização do acidente: As falas quanto a acidentes de trabalho demonstram uma certa banalização do acidente, tornando algo comum inerente à profissão. As lesões para a

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

maioria são meras consequências de algo já esperado. Cortes, amputações de parte de membros, perda auditiva são algumas das consequências dos acidentes citadas por eles. Todos os marceneiros objetos do estudo sofreram algum tipo de acidentes, incidente ou doença. Falas que expressam uma certa banalização chamam atenção como: Sofri acidentes pequenos sim, tenho um pedacinho de dedo faltando, de vez em quando na máquina plaina "esfolava" um dedo, mas nada demais!", "Conheço meu vizinho que é marceneiro e perdeu um dedo, eu já cortei os dedos "pouca coisa", sempre tenho uns arranhões", "O acidente ocorre não tem jeito! Já sofri sim incidentes leves e conheço quem já teve acidentes mais graves e sérios ", "Tive machucados no dedo, isto é normal", "Se eu disser que nunca me acidentei estaria mentindo. Já sofri acidentes que deveria parar, mas não parei o serviço". Outras falam demonstram a gravidade dos acidentes devido as máquinas elétricas: "quebrei os dois dedos, ficaram prensados no torno. Não usava luva na hora ", "Já sofri acidentes na mão, inclusive tenho este aqui mais recente que pegou 7 pontos e me deixou afastado por um bom tempo", "Sofri acidentes pequenos sim, tenho um pedacinho de dedo faltando ", "Tenho um dedo cortado, esse dedo tem um "chassi"empenado", "Quebrei um dente numa máquina de tornear, mas não parei de trabalhar! Até hoje tenho uma prótese. Outra vez um pedaço de madeira atingiu meu queixo ".

• Possíveis doenças do trabalho: Falas que citam alguns problemas de saúde que eles não têm diagnóstico que sejam ligados ao trabalho, em que é constatado que eles não conhecem as possíveis doenças ligadas ao trabalho. Falas sobre doenças "Meu pai é marceneiro e tem problema de audição ", "tenho problema de alergia, não sei se é em consequência do trabalho", "Tenho uma dificuldade na audição", "tenho um pouco de dificuldade em escuta ". As falas sobre acidentes de trabalho demonstram uma situação de conformismo e banalização do acidente e com as doenças do trabalho. Tratar acidentes com lesões como “normal”, “não tem jeito”, “é inevitável” é tratar como normal a pior condição dentro da escala de precariedade no trabalho. É conhecido que um acidente pode levar a incapacitação permanente ou temporária ou até a morte.

As narrativas apresentam um resultado surpreendente, em que 100 % dos entrevistados já sofreram algum acidente independente do grau da lesão, mesmo percentual que respondeu conhecer os riscos da profissão. Aproximadamente 60 % apresentam sintomas de problemas auditivos e 15 % apresentam problemas respiratórios. Esta acidentalidade relacionada ao percentual de marceneiros que

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

não usam a proteção individual leva a um entendimento que a uma relação direta entre estes fatos e sua fonte que é a forma como eles aprendeu a profissão.

10 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Aproximadamente 70 % dos marceneiros informaram que a aquisição do conhecimento da profissão se deu a partir de marceneiros familiares e o restante de marceneiros não familiares. Este resultado vai ao encontro da análise de (MACHADO; COLVERO, 2017), na qual ele concluiu que trabalhadores de profissões tradicionais como a marcenaria, tendem a transmitir â familiares suas técnicas. Quanto a idade do aprendizado, foi verificado que cerca de 71 % aprenderam a arte da marcenaria com menos de 18 anos, que dizer, ainda de menor idade, muitos deixando de ir à escola para iniciar a trabalhar. Para 60 % dos marceneiros o poder público deveria dar apoio para melhorar seus estabelecimentos. A caracterização da amostra demonstrou que que há uma predominância masculina na profissão com 100 % de presença masculina, cerca de 35 % tem entre 40 e 50 anos e este mesmo percentual para os que se consideram pardos ou pretos. Quanto ao uso de EPIs, um dado importante é que aproximadamente 90 % dos marceneiros informaram que a pessoa que lhe ensinou não utilizava regularmente a proteção individual, dado compatível com o Capítulo 2, que resultou em 90 % que não utilizam a proteção regularmente. 80 % dos marceneiros informaram que não utilizam a proteção devido ao modo que aprenderam, apesar de que 100 % reconheciam o elevado risco da atividade. 65 % informaram que já participaram de eventos sobre segurança e saúde no trabalho com o SEBRAE. Esta cultura da não utilização de EPIs em decorrência da forma como aprenderam a profissão é compatível com a ideia de Diegues (2019), que a transmissão do conhecimento tradicional pode ser definida como o saber-fazer adquirido pela demonstração de outros sujeitos. Relacionado a acidentes de trabalho, o percentual de marceneiros que informaram já ter sofrido acidente de trabalho independente do grau da lesão foi de 100 %, resultado que pode ter relação com a precarização da atividade demonstrada no Capítulo 3. Este resultado vai ao encontro do entendimento de Costa et al. (2018), na qual demonstra que o intenso uso de máquinas e ferramentas oferecem diversos riscos aos marceneiros. Em relação as doenças, cerca de 65 % dos marceneiros entrevistados informaram nas respostas fechadas que sentem algum sintoma auditivo que podem ter relação direta com a atividade e 15 % informaram sentir alergias. Os resultados deste capítulo demonstram o alto índice de marceneiros que não utilizam EPIs pelo fato de terem aprendido a profissão com alguém que não utilizava a proteção. A acidentalidade comprovada foi alta, abrangendo todos os trabalhadores, desde acidentes leves a acidentes graves com perda de membros, bem como a prevalência de um alto índice de sintomas de doenças auditivas. Os resultados dão o entendimento de haver uma forte relação entre a forma que

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

os marceneiros tratam a segurança do trabalho em suas atividades e o modo como aprenderam principalmente a partir de familiares. Falas que demonstram a autoconfiança em trabalhar sem proteção apenas pelo fato de terem aprendido desta forma "Meu pai não utiliza EPI" algum, "eu aprendi assim e não uso também e nunca usei, acho que nunca vi meu pai usando qualquer proteção, aprendi assim". A análise das narrativas demonstra diversas falas que levam a banalização dos riscos, frases como "o acidente é inevitável "ou "sofri acidentes pequenos sim, tenho um pedacinho de dedo faltando". Bem como falas que apresentam a gravidade da atividade "Já sofri acidentes na mão, inclusive tenho este aqui mais recente que pegou 7 pontos e me deixou afastado por um bom tempo".

11 CONCLUSÃO GERAL

Esta pesquisa teve como pontos centrais o modo como os marceneiros que fazem parte de uma atividade tradicional brasileira lidam com a Segurança e Saúde do Trabalho (SST) em seus processos de fabricação de móveis e esculturas de madeira, sua identidade, o repasse dos conhecimentos e tradições. Verificar a partir dos saberes e práticas tradicionais dos pequenos marceneiros a possível influência da cultura do aprendizado com o modo de trabalho em relação as questões de segurança do trabalho. A intenção de a partir destes resultados demonstrar a necessidade da introdução de conceitos interdisciplinares nas intervenções em ambientes de trabalho de atividades tradicionais como a marcenaria. A abordagem tecnicista da engenharia de segurança do trabalho possa ser agregada a outras ciências a partir da interdisciplinaridade com vistas aos aspectos sócio-político culturais com o objetivo de contribuir para futuras intervenções de segurança e saúde do trabalho. O problema de pesquisa foi o de analisar se a cultura do repasse de conhecimento da prática da marcenaria influencia negativamente na tomada de decisão quanto ao uso de proteção individual e coletiva para proteção da saúde dos marceneiros. A hipótese deste trabalho é se a cultura influencia negativamente o modo atual de trabalho dos marceneiros em relação à Segurança e Saúde do Trabalho (SST). As principais máquinas e equipamentos encontrados em uso nas marcenarias foram a lixadeira e a serra de bancada estão presentes em todas as marcenarias, enquanto a tupia e a plaina estão presentes em 50 % das marcenarias. Na pesquisa foram demonstradas as principais consequências da exposição indevida aos riscos ocupacionais nas marcenarias que podem levar à incapacitação permanente ou temporária, desde acidentes típicos com lesões, amputações, choques, perda da visão, como diversas doenças do trabalho como: Perda Auditiva Induzida pelo Ruído (PAIR) permanente e irreversível, alterações na pressão arterial, estresse, distúrbios gástricos, distúrbios da visão, distúrbios da atenção, distúrbios da memória, distúrbios do sono e distúrbios do humor, doenças respiratórias ocupacionais, asma ocupacional, neoplasia, tumores, alergias, doenças que impactam nos vasos sanguíneos, sistema ósseo,

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

articulações das mãos e braços, neuropatias periféricas, fraqueza muscular e eventual atrofia, Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e a Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT); Aproximadamente 80 % dos marceneiros não conhecem as principais doenças do trabalho decorrentes da profissão de marceneiro, porém 65 % sentem algum sintoma de problema auditivo e 15 % sentem problemas respiratórios. Cerca de 70 % dos marceneiros possuem ensino fundamental incompleto ou não tem nenhum grau de escolaridade. A caracterização inicial demonstra que há uma predominância masculina na profissão com 100 % de presença masculina, cerca de 35 % tem entre 40 e 50 anos e este mesmo percentual para os que se consideram pardos ou pretos. A atuação da engenharia de segurança do trabalho como uma área iminentemente técnica nos mostra que em Alagoas 65 % dos profissionais utilizam apenas as NRs e os conhecimentos técnicos em suas intervenções sobre os riscos no ambiente de trabalho, e, não buscam conceitos de outras áreas para melhorar o processo de intervenção a partir de um olhar mais abrangente. No que trata sobre desigualdades e trabalho em atividades tradicionais, verifica-se que atividades tradicionais em específico as pequenas marcenarias sofrem com o distanciamento de políticas públicas voltadas a segurança do trabalho causando uma desigualdade no tratamento destes trabalhadores em relação ao modo de trabalho seguro. Apenas 1 das marcenarias já teve alguma interação entres os organismos públicos MTE e CEREST. Esta falta de comunicação e interação com a atividade tradicional dos pequenos marceneiros pode ser um dos motivos da precarização do trabalho nas marcenarias. Por se tratar de uma atividade que predomina a administração familiar, com pouco acesso a informação e pouco ou nenhum apoio público, verifica-se que cerca de 65 % dos marceneiros não sabem onde recorrer por seus direitos em casos de acidentes ou doenças do trabalho, bem como 60 % dos marceneiros não conhecem as vantagens de contribuir com o Ministério da Previdência Social (MPS). Para 60 % dos marceneiros o poder público deveria dar apoio para melhorar seus estabelecimentos. Quanto ao aprendizado foi verificado a partir das narrativas que cerca de 60 % aprenderam a arte da marcenaria com menos de 15 anos, quer dizer ainda de menor idade, muitos deixando de ir à escola para iniciar a trabalhar. Foi constatado que cerca de 90 % não utilizam regularmente a proteção individual, e que 90 % citaram que a pessoa que lhes ensinou não utilizava os EPIs regularmente. Perto de 70 % dos marceneiros informaram que a aquisição do conhecimento se deu a partir de familiares e o restante a partir de outros marceneiros. Nenhum aprendeu a partir de um curso profissionalizante. Com base nos dados que a aquisição do conhecimento se deu a partir do repasse do conhecimento de marceneiros mais experientes, nenhum a partir de curso profissionalizante, foi verificado nas narrativas que o não uso da proteção individual para 80 % se dá pelo fato de terem aprendido o modo de trabalho sem levar em consideração a proteção individual e coletiva para os riscos da marcenaria. Um dado bastante importante é que 100 % dos marceneiros

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

informaram que já sofreram algum tipo de acidente desde de menor gravidade até amputação de membro, mesmo percentual que informou conhecer, sim, os riscos da atividade para segurança. Porém apesar disto, 90 % não utilizam proteção regularmente, apesar de 65 % ter participado de treinamento, curso ou capacitação como SEBRAE durante a profissão.

Desta forma chega-se a um entendimento que mesmo participando de cursos pelo SEBRAE e que são cientes dos diversos riscos inerentes a saúde e segurança de suas atividades, os marceneiros que desenvolvem sua atividade em pequenas marcenarias no município de Palmeira dos Índios não utilizam métodos de proteção individual ou coletiva. Levando em consideração que todos os marceneiros aprenderam a profissão a partir de ensino prático repassado por outros marceneiros e não através de cursos de qualificação, bem como as falas mostraram que o principal motivo do não uso da proteção individual foi em função do modo que aprenderam, a hipótese desta pesquisa é confirmada, pois a cultura influenciou diretamente a tomada de decisão dos marceneiros em não se protegerem em questões de segurança do trabalho. Esta confirmação tem é compatível com a banalização dos riscos comprovada nas narrativas, que pode ser a principal causa do alto índice de acidentalidade comprovada.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. A. R.; BERTOLI, S. R. Máquinas Elétricas Portáteis Na Construção Civil : Estudo Do Ruído Gerado Por Serras-Mármore. Juiz de Fora: Apresentado no XIV ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído -, 2012.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

BRAINER, M. S. DE C. P. Setor moveleiro: aspectos gerais e tendências no brasil e na área de atuação do Banco do Nordeste. Caderno Setorial ETENE: 3.Fortaleza-CEBanco do Nordeste, , 1 jun. 2018.

BRASIL. Lei No 8.213, de 24 de Julho de 1991-Planos de Benefícios de Previdência Social. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p 14809, 25 de Julho de 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BRASIL. Lei No 11.652, De 7 De Abril De 2008 - Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo. Diário Oficial de União: Seção 1,Brasília,DF,p.1,08 de Abril de 2008. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11652-7-abril-2008-573720-norma-pl.html>.

CARNEIRO, G. D. A. et al. Uma análise do tema interdisciplinaridade nas principais revistas brasileiras de ensino de ciências. Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias, v. 13, n. 1, p. 73, 2018.

CLARA, A. et al. Saúde e Segurança do Trabalho em Uma Empresa de Móveis: Apresentado no Simpósio Nacional de Engenharia de Produção Universidade Federal da Grande Dourados, 2018, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.ISSN: 2763-5708. Dourados-MS, 2018.

COSTA, T. T. DA; OLIVEIRA, F. R. DE; MARIANO, T. R. B. Análise dos riscos ocupacionais no ambiente de trabalho de uma marcenaria. Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade, v. 13, n. 1, p. 42–53, 2018.

COSTA, F. DE S.; OLIVEIRA, L. B.; MIRANDA, L. C. Desigualdade de gêneros no trabalho: Reflexos nas atitudes das mulheres e em sua intenção de deixar o emprego. RA USP, v. 45, n. 1, p. 70–83, 2010.

DIAS, E. C. Doenças relacionadas ao trabalho -Manual de procedimentos para os serviços de saúde. 114. ed. Brasilia: Editora MS, 2001. v. 1

DIEGUES, A. C. Conhecimento, práticas tradicionais e etnoconservação da natureza. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 50, p. 116–126, 2019.

DUARTE, M. Riscos Industriais - etapas para a investigação e a prevenção de acidentes. Rio de Janeiro - RJ: FUNENSEG- PETROBRÁS-BR, 2002. v. 1

ESCHER, T. Ofício, oficina e o artífice marceneiro atual. Orientador: Luís Roberto M. Silveira. 2018. f.26. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho deFlorianópolis, 2018.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

FERREIRA, A. B. G. et al. Saberes e práticas tradicionais na extração e cultivo de macroalgas marinhas. Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, v. 11, n. 6, p. 661–671, 2020.

GIONGO, C. R.; MONTEIRO, J. K.; SOBROSA, G. M. R. Suinocultor: Vivências de prazer e sofrimento no trabalho precário. Psicologia e Sociedade, v. 29, n. 1, p. 1–11, mar. 2017.

GOUVEIA, M. A. DA C. Desafios para o futuro do ensino da engenharia. Revista Engenharia e Tecnologia Aplicada, v. 1, n. 1, p. 4–23, 2017.

JUCÁ, F. L. Análise de Fatores Ergonômicos em uma Fábrica de Móveis Planejados no Sul do Espírito Santo. Orientador: Luciano José Minette. 2018.61f. Jerônimo MonteiroDissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais do Centro de Ciências Agrárias e Engenharias da Universidade Federal do Espírito Santo., , 2018.

JUNIOR, E. D. O.; ALMEIDA, F. S. E S. DE. Avaliação de Riscos de uma Empresa de Embalagens de Madeira. Laborativa/Unesp, p. 41–55, 2014.

MACHADO, J. P.; COLVERO, R. B. Artesão ou guasqueiro: Uma discussão sobre identidade e Memória. RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 3, n. 2, p. 129, 2017.

MATUCHEVSKI BALZAN, K. et al. Aspectos da cadeia produtiva moveleira do Brasil e o Rio Grande do Sul nesse contexto. Revista Perspectiva, v. 44, n. 166, p. 7–18, 2020.

MONTEIRO, W. Proposta de Segurança no Trabalho em posto de Marcenaria. RECIMA21, v. 2, n. 5, p. 1–15, 2021.

MORAES, A. C. M. et al. Levantamento do nível de ruído em fábricas de móveis no Brasil. Scire Salutis, v. 10, n. 3, p. 113–123, 2020.

MOTA, A. E. Superexploração : uma categoria explicativa do trabalho precário. Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, p. 79–90, 2013.

NOGUEIRA, M. O.; CARVALHO, S. S. DE. Trabalho Precário e Informalidade: Desprecarizando Suas Relações Conceituais e Esquemas Analíticos. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea, 2021.

PESSOA, F. M. G. DEMOCRATIZANDO O ACESSO À JUSTIÇA. Brasilia-DF: Conselho Nacional de Justiça, 2020.

POSTIGO, I. S. DE F. et al. A influência entre a ascensão do capitalismo e o aumento do número de casos de LER/DORT, uma revisão de literatura. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 4, p. 16639–16646, ago. 2021.

RIUL, M. Aspectos e Impactos Sociais e Ambientais da Indústria Moveleira e Experiências de Gestão. Revista Principia - Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB, n. 18, p. 79–95, 2011.

ROBINSON, T. et al. Prevalence of noise-induced hearing loss among woodworkers in Nepal: A pilot study. International Journal of Occupational and Environmental Health, v. 21, n. 1, p. 14–22, 2015.

Revista ARACÊ
ISSN: 2358-2472

ROSSI, G. DA S. Doença Profissional e Suas Consequências Técnicas e LegaisS. Revista Eletrônica Direito: Família e Sociedade –, v. 1, p. 1–7, 2011.

SADEK, M. T. O sistema de justiça. Rio de Janeiro - RJ: SciELO Books, 2010.

SANTOS, M.; ALMEIDA, A. Principais riscos e fatores de risco ocupacionais dos marceneiros e carpinteiros, bem como doenças profissionais associadas e medidas de proteção recomendadas. Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional, v. 1, p. 1–10, 2015.

SCHUSTER, E. M. Uma perspectiva sobre o design e produção de móveis sob encomenda: Uso e o descarte de painéis de fibra de madeira de média densidade. Orientador: Dalton Luiz Razera. 2013. 212 f. CuritibaDissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Design-Universidade Federal do Paraná, , 2013.

SENNETT, R. O artífice inquieto. 5. ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Record Ltda, 2015.

SEPLAND. APL Móveis no Agreste. . Acesso em: 19 nov. 2019.

SILVA, K. R.; SOUZA, A. P. DE; MINETTI, L. J. Avaliação do perfil de trabalhadores e das condições de trabalho em marcenarias no município de Viçosa-MG. Revista Árvore, v. 26, n. 6, p. 769–775, 2002.

SILVA, R. A cultura de saúde e segurança do trabalho nas organizações : Uma análise crítica da sua importância. InterfacEHS – Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade, v. 14, n. 1, 2019.

SILVA, T. A. D. O. O ofício de marceneiro na cidade de Muritiba-Ba.Orientadora: Dr.a Suzane Tavares de Pinho Pêpe. 2018. 47f.Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. , 2018.

TAKAHASHI, M. A. B. C. et al. Precarização do trabalho e risco de acidentes na construção civil: Um estudo com base na análise coletiva do trabalho (ACT). Saude e Sociedade, v. 21, n. 4, p. 976–988, 2012.

THIESEN, J. DA S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, p. 545–554, 2008.

VASCONCELOS, F. M. DE et al. Riscos no ambiente de trabalho no setor de panificação: um estudo de caso em duas indústrias de biscoitos. Gestão & Produção, v. 22, n. 3, p. 565–589, 2015.